

Utopia, distopia e realidade: um novo verismo na literatura para jovens

Thiago Alves Valente

UENP



RESUMO – Gênero visado como veículo de “formação” do jovem, a literatura infanto-juvenil muitas vezes torna-se alvo da busca por elementos de uma sociedade utópica. Porém, justamente por se tratar de Literatura, o gênero abre-se a outras possibilidades de vivência da realidade, seja esta compreendida pelo seu mundo mais subjetivo, seja ampliada a questões em escala mundial. Algumas obras inscritas no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) sinalizam caminhos da ficção para jovens nos anos 2000, dentre eles, o verismo e a utopia relidos por meio de novas propostas estéticas.

Palavras-chave: Utopia; Distopia; Verismo; Literatura; Juvenil

ABSTRACT – Like a meaning vehicle to young people development, the teen literature can have topics about ideal society. However it's literature, then it's opening to some possibilities around reality, as a local experience as a world experience. Some writings registered on government program Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) appoint ways to teen's fiction in 2000, among them the realist literature and utopia in news aesthetic purpose.

Keywords: Utopia; Dystopia; Reality; Literature; Teens

Mãos dadas

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

No momento em que o senso comum afirma o desaparecimento das utopias, é importante notar que a aceitação do próprio tempo presente e de suas contradições pode colocar em xeque o conceito de utopia, renovando-o e levando-o a reaparecer sobre outras formas. Abordando o tema, Chauí (2008, p. 07) aponta os erros de compreensão sobre o termo utopia, palavra empregada por Thomas More (1478-1535), a partir dos termos gregos *topos*, lugar

e do prefixo *u*, “não”, ou seja, um “não lugar”, destacando dentre eles:

O terceiro aspecto curioso, que, aliás, nos concerne diretamente, refere-se à afirmação, hoje corriqueira, sobre o declínio ou o fim da utopia, decorrente do fracasso das revoluções socialistas, do refluxo do movimento operário mundial e do descrédito que pesa sobre o marxismo. Isso é curioso porque, como

sabemos, Marx criticou as utopias e Engels escreveu uma pequena obra intitulada *Socialismo utópico e socialismo científico*, na qual comparava e opunha duas concepções do socialismo e, como Marx, recusava o socialismo utópico. Assim, é curioso que essa crítica seja esquecida e que o marxismo seja interpretado como utopia.

Em outros termos, é impossível descartar as utopias porque elas estão no cerne da ideologia, determinando em conjunto com outros elementos a visão de mundo e as ações da sociedade, conforme Sargente (2008, p. 05):

Assim, toda a ideologia contém uma utopia; contudo, o problema surge quando a utopia se transforma num sistema de crenças, em vez de, como acontece na maioria dos casos, se assumir como a crítica do real através da imaginação de uma alternativa melhor. Vejo a utopia como o reflexo de um espelho de uma feira popular funcionando ao contrário: colocamos a sociedade contemporânea distorcida em frente do espelho e este mostra-nos uma possibilidade melhor.

Justamente por lançar um olhar ao que está posto e ao que poderia ou deveria ser, a utopia instiga o leitor a observar a realidade presente e projetar o mundo de amanhã. Nesse sentido, coloca-se como espaço no qual se expressam os pensamentos mais otimistas e mais pessimistas; as abordagens mais fantásticas de uma era dourada e as mais sombrias projeções de uma vida funesta se não decadente aos homens. Do mesmo modo, seu antípoda, a “distopia”, aparece como a aniquilação das possibilidades de dias melhores aos homens. No entanto, ao realizar a denúncia ou revelação da desumanização do homem, não deixa de inculcar, em seu próprio argumento, a esperança. A realidade, portanto, retorna com crueza para conscientizar o leitor real do presente sobre as sombrias consequências de seus atos para o futuro.

Nesse contexto, no Brasil, é importante lembrar produções recentes como *Monte Veritá* (2009), de Gustavo Bernardo (1955), cuja história apresenta a população mundial informada, ao longo de seis semanas, sempre aos domingos, sobre seis mudanças radicais em suas vidas: o desaparecimento de todas as armas de destruição em massa; a diminuição drástica da taxa de natalidade dos seres humanos; a limpeza de todo o tipo de sujeira do planeta; o desaparecimento dos combustíveis fósseis; a equivalência de força dos animais de outras espécies para se protegerem do ser humano; a promulgação de uma lei universal sobre o respeito para com os seres vivos.

Essa tendência verista, abordando temas atuais característicos dos maiores dilemas do século XXI, surge na literatura juvenil também se abrindo em, pelo menos, duas vertentes: uma que consegue se desvencilhar do plano de fundo e, embora partindo de fatos e contextos da realidade vivenciada ou percebida pelos jovens leitores contemporâneos, permite à ficção aflorar como

elemento estético de destaque na obra; outra que, embora tente um tratamento literário mais adequado ao jovem, não consegue realizar um bom nível ficcional, ficando presa a referências históricas e sociais mais imediatas. Para exemplificar, uma rápida observação sobre os lançamentos do mercado editorial, focalizando entres os lançamentos de sucessos as obras destinadas ao público infantil e juvenil, pode elucidar tendências mais comuns nesse meio. Se for levado em conta, ainda, um elenco de obras veiculadas por especialistas em leitura e literatura, como no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), chega-se a denominadores comuns expressivos dessa produção.

Em relação à primeira vertente, cabe mencionar o romance juvenil *O sr. Pip* (2007), de Lloyd Jones (1955-), o qual tem como protagonista Matilda, uma menina contemporânea das atrocidades de uma guerra civil desoladora para a população oceânica das Ilhas Salomão. A obra se inicia com referência a “Olho Arregalado”, personagem que em suas aulas fará com que as crianças nativas, negras, conheçam Pip, personagem de *Grandes esperanças*, livro de Charles Dickens (1812-1870). Entre os terrores da guerra e a fuga para o mundo de Dickens, Matilda enfrenta difíceis situações, reveladoras da relatividade dos limites entre a realidade e a ficção.

Se a capa colorida anuncia uma história mais amena, o leitor se surpreende com uma narrativa densa, que, de acordo com as informações da orelha do livro, “se aproxima com muita ternura do sublime universo da leitura, abordando o momento em que a palavra ganha vida e sai das páginas para o mundo real dentro da imaginação de cada leitor”.

Iniciando com a frase “Todo mundo o chamava de Olho Arregalado” (JONES, 2007, p. 09), a menina Matilda leva o leitor a conhecer a população de sua pequena ilha, cujos negros nativos sequer compreendem o embate entre os “peles-vermelhas” e os “amarelos”. O desafio de narrar uma história com fundo histórico verídico é bem sucedido, tendo em vista que a tessitura textual incorpora de modo orgânico os elementos do mundo real, isto é, a guerra não dá nenhuma lição de vida ou ensina algo ao leitor, pois se torna elemento literário também (JONES, 2007, p. 57):

A visita dos peles-vermelhas nos afetou de diferentes formas. Alguns foram vistos escondendo comida na selva. Outros fizeram planos para fugir. Eles pensavam para onde iriam fugir e o que fariam lá. A reação da minha mãe foi recorrer à história da nossa família e passar para mim tudo o que sabia.

Deuses marinhos e tartarugas passavam por uma longa lista de pessoas das quais eu nunca tinha ouvido falar. Os nomes entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Havia tantos. Finalmente ela chegou ao fim, ou eu achei que ela tinha chegado. Houve uma pausa. Olhei para ela no escuro e vi os brancos dos seus dentes.

A voz da narradora obedece à lógica de uma menina nativa, que reconstrói a história do sr. Pip de acordo com sua imaginação, ou até onde sua fantasia poderia alcançar num mundo muito diferente do seu (JONES, 2007, p. 61):

Em *Grandes esperanças*, aprendemos como a vida pode mudar inesperadamente. Pip está quarto ano da sua aprendizagem com Joe Gargery. Ele ficou mais velho do que eu. Mas isso não tinha importância. Em outros aspectos, ele permanecer um amigo verdadeiro, um companheiro com quem me preocupava e em quem pensava um bocado.

O ápice da narrativa, pois, se dá com a execução do sr. Watts e de sua mãe: tudo, em decorrência da confusão em torno do nome da personagem Pip, que os grupos armados tomam, num primeiro momento, como um fugitivo; depois, como o próprio contador da história. Com efeito, mesmo a questão racial não cai na armadilha do proselitismo em torno de uma causa (JONES, 2007, p. 67):

Não se pode estar mais empacado do que a única pessoa branca vivendo entre negros. O sr. Watts era outro que eu achava que estava empacado. Ele nos tinha dado Pip, e passei a conhecer este Pip como se ele fosse real e eu pudesse sentir sua respiração no meu rosto. Eu tinha aprendido a entrar na alma de outra pessoa. E tentei fazer o mesmo com o sr. Watts.

A palavra, como se vê, é o modo de humanizar as crianças – como professor, “Olho Arregalado” traz os pais das crianças para lhes transmitir ensinamentos, o que, longe de idealizações, leva a situações em que a ignorância do mundo real é confrontada com o prazer de conhecer o sr. Pip (JONES, 2007, p. 69):

A avó de Daniel sorriu para a turma e vimos que lhe restavam poucos dentes, e os poucos que tinha explicavam o motivo de ela assobiar quando falava.

Outros que vieram falar para a turma tiveram de ser convencidos pelo sr. Watts a mostrar o que sabiam e, em alguns casos, isto era muito pouco.

A palavra assume espaço central na história; é por meio dela que Matilda tenta adentrar os recônditos pensamentos de sua mãe, opositora ferrenha aos ensinamentos “pagãos” do sr. Watts: “*Uma manhã geada* foi a expressão que resolvi levar para casa comigo. Eu a usei agora para criar a imagem de Pip levando o empadão de porco e as limas para o fugitivo Magwitch que esperava no pântano.” (JONES, 2007, p. 69). Ao negar o moralismo ou a simples dualidade entre bem e mal, a narradora abre ao leitor a complexidade das relações humanas entre as diversas representações de mundo, seus valores morais, suas atitudes ambíguas. O sr. Watts que carrega periodicamente a mulher puxando-a numa carroça em lugar de um cavalo, usando um nariz de palhaço, é o mesmo homem que

conhecera Grace, a nativa mais inteligente que estudava na Austrália, por quem se apaixonara, deixando outra família – branca e integrada perfeitamente à sociedade de origem.

A brutalidade do meio não permite, ainda, que leve o leitor à reflexão, momentos de melancolia exagerada, antes, apontam para a busca intensa de uma voz que quer, por meio da palavra, compreender o mundo que a cerca (JONES, 2007, p. 225):

As pessoas aguardaram até terem certeza de que os peles-vermelhas estavam bem longe no interior da floresta. Quando tiveram certeza, mataram todos os porcos. Foi a única coisa que nos ocorreu fazer para dar um enterro decente a minha mãe e ao sr. Watts. Nós enterramos os porcos.

Enterrar os porcos que haviam comido os pedaços dos dois adultos mais significativos para Matilda; contar histórias era o que as pessoas da vila puderam fazer pelo sr. Watts quando faleceu sua mulher (JONES, 2007, p. 154): “Outros começaram a falar. Ofereceram seus fragmentos de memória ao sr. Watts. Eles formaram um retrato de sua esposa morta. Assim ele aprendeu sobre a menina que nunca conhecera”; contar a história do sr. Watts seria uma forma de não perdê-lo. Da mesma forma, os “rambos”, soldados aliciados para combater os “peles-vermelhas” (JONES, 2007, p. 188):

E os rambos ficavam tão fascinados quanto nós. Três anos na selva preparando armadilhas para os peles-vermelhas os tinham tornado perigosos, mas, quando eu via a suavidade dos seus olhos À luz do fogo, via rostos que sentiam saudades da sala de aula. Eles eram praticamente crianças também. O que tinha um olho caído não devia ter mais de vinte anos. Os outros eram mais moços.

O poder da palavra para uma narradora que não pode intervir no mundo real: em vez de sonho e idealização, uma narrativa envolvente para um leitor que exige mais verossimilhança, quando não, veracidade.

Como se pode notar, a história de Matilda tem o próprio narrar como mote. É por meio da história do sr. Pip que as personagens se reúnem (JONES, 2007, p. 160):

Nos dias subsequentes, trabalhamos muito para produzir vestígios de um mundo desaparecido. Andávamos por todo lado com os olhos apertados. “O que há com vocês? O sol está incomodando seus olhos?”, nossas mães diziam. É claro que não contei a minha mãe sobre nosso projeto. Ela seria capaz de dizer: “Isso não vai pescar um peixe nem descascar uma banana.” E teria razão. Mas não estávamos atrás de peixes nem de bananas. Estávamos atrás de algo bem maior. Estávamos tentando conseguir outra vida para nós mesmos.

Mesmo ao final da narrativa, Matilda não tenta teorizar para o leitor a importância do texto; antes, continua sendo a voz narrativa em seu mundo literário (JONES, 2007, p. 246):

Às vezes, as pessoas me perguntam: “Por que Dickens?”, o que sempre interpreto como uma leve censura. Indico o livro que me mostrou um outro mundo numa época em que eu precisava desesperadamente disso. Ele me deu um amigo, Pip. Ele me ensinou que se pode entrar na pele de outra pessoa com a mesma facilidade com que se entra na sua, mesmo quando essa pele é branca e pertence a um menino que vive na Inglaterra de Dickens. Ora, se isso não é um ato de magia, eu não sei o que é.

Magia que não se pretende explicar na obra, o que preserva sua autonomia como texto literário de boa qualidade estética.

Livro de memórias, em *Muito longe de casa: memórias de um menino-soldado* (2007), de Ishmael Beah (1980-), o autor-narrador leva ao leitor sua experiência de menino e guerrilheiro em Serra Leoa, África. Como característica relevante do texto, não se pode esquecer a complexidade da personagem central, Ishmael, o qual tem sua vida encaminhada para outros rumos quando é resgatado por grupos da ONU.

Apesar de ter apenas uma ilustração – o mapa “Minha jornada” mostrando o trajeto do protagonista por Serra Leoa – a apresentação sucinta da obra na orelha do livro revela ao leitor tratar-se de história verdadeira:

Ao escapar, por acaso, aos doze anos, de um ataque de rebeldes, Ishmael Beah perambulou pelo interior de Serra Leoa, acompanhando a progressão dos conflitos da guerra civil de seu país. Fã de hip-hop e de boa literatura, conhecido por recitar Shakespeare em sua aldeia natal, Beah é aliciado pelo exército do governo e, além de vítima, torna-se algoz.

Sem longas apresentações que tentem certificar ao leitor os fatos narrados, o texto já se inicia com a infância do narrador: “Ouvíamos tantos tipos de histórias sobre a guerra que parecia que ela estava acontecendo numa terra distante e desconhecida” (BEAH, 2007, p. 09). A contextualização, porém, também se dá com as referências aos objetos culturais da década de 80 (BEAH, 2007, p. 09):

As únicas guerras que eu conhecia eram as que eu tinha lido nos livros ou visto em filmes como *Rambo: programado para matar*, e aquela vizinha Libéria, sobre a qual eu tinha ouvido na rádio BBV. Minha imaginação, aos dez anos de idade, não tinha a capacidade de compreender o que poderia ter roubado a felicidade dos refugiados.

Adequado ao gênero em questão, dados históricos se integram organicamente ao relato, sem pretensões didáticas (BEAH, 2007, p. 17):

Serra Leoa havia sido colônia britânica desde 1808. Sir Milton Margai se tornou o primeiro-ministro e governou o país sob a bandeira do Partido Popular de Serra Leoa (Sierra Leone Peoples Party – SLPP) até sua morte, em 1964. Seu meio-irmão, Sir Albert Margai, o sucedeu até 1967, quando Siaka Stevens, líder do partido conhecido como Congresso de Todo o Povo (All People’s Congress – APC), venceu a eleição, que foi sucedida por um golpe militar. Siaka Stevens retornou ao poder em 1968, e anos depois declarou que o país seria um Estado unipartidário, sendo o seu Congresso de Todo o Povo o único partido legal. Foi o começo da “política podre”, como meu pai costumava chamar aquilo.

As lembranças do narrador apresentam-se no presente, como uma memória que sai do passado e o faz viver novamente as sensações da experiência em Serra Leoa (BEAH, 2007, p. 21):

Estou empurrando um carrinho de mão enferrujado numa cidade em que o ar cheira a sangue e carne queimada. A brisa traz o pranto débil de corpos mutilados que dão seus últimos suspiros. Caminho entre eles. Faltam-lhe pernas e braços; seus intestinos estão expostos, atravessam os buracos de bala em seus estômagos; massa encefálica sai por seus ouvidos e narinas.

Sua jornada por Mogbwemo, Kabati, Matru Jong, Kamator, Yele, Bauya, Freetow e Kambia até ser retirado do território natal, corresponde a um processo de formação em que a fome e a miséria impõem estratégias de sobrevivência ao grupo de amigos (BEAH, 2007, p. 70):

Saidu soprou as palmas de suas mãos para aquecê-las e deitou no chão. Sua respiração pesada tornou-se mais intensa e eu sabia que ele tinha adormecido. Aos poucos, Kanei e, depois, Alhaji também caíram no sono. Sentei num banco de madeira encostado à parede e pensei nas palavras de Saidu. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas, e minha testa ficou quente, maquinando sobre o que Saidu tinha dito. Tentei não acreditar que eu também estava morrendo, lentamente, em minha busca de segurança. A única hora em que conseguia dormir era quando a brisa da manhã, que continha o apelo irresistível ao sono, me salvava dos devaneios da mente.

A situação vivenciada pela personagem adolescente revela-se na brutalidade com que ela se coloca diante do mundo ao seu redor (BEAH, 2007, p. 94):

– É, impressionante, em poucas horas numa tarde só. – Ele fez uma pausa brincando com a lateral de sua arma G3. – Gostei especialmente de queimar esta aldeia aqui. Pegamos todo mundo. Ninguém escapou. De tão bom que foi. Levamos a cabo a ordem e executamos todo mundo. O comandante vai ficar satisfeito quando chegar aqui. – Ele meneou a cabeça, olhando para os outros rebeldes, que haviam parado o jogo para ouvi-lo. Todos concordaram com ele, balançando as cabeças. Bateram de novo uns nas mãos dos outros e voltaram ao jogo.

A transformação em guerrilheiro se dá de modo traumático (BEAH, 2007, p. 14):

As dores lancinantes na minha cabeça, ou o que depois a conhecer como enxaquecas, pararam à medida que minhas tarefas diárias foram substituídas por atividades mais ligadas à vida militar. Durante o dia, em vez de jogar futebol na praça da aldeia, eu me revezava entre os postos de vigilância pela aldeia, fumando maconha e cheirando *brown brown*, cocaína misturada com pólvora, que estava sempre espalhada pela mesa, e, claro, tomando mais daquelas pílulas brancas, em que estava viciado.

Traumático também é separar-se da violência cotidiana e da brutalidade do meio que se encontravam Ishmael e seus amigos (BEAH, 2007, p. 132):

– Ei, algum dos colegas aí tem um pouco de *tafe* (maconha) pra gente? – Mambu perguntou aos PÉS, que o ignoraram. Eu tinha começado a tremer. O efeito das drogas que tinha tomado nas noites anteriores, antes de sermos trazidos para a cidade, estava acabando. Andei para cima e para baixo pela varanda, irrequieto em meu novo habitat. Minha cabeça começou a doer.

A complexidade da personagem pode ser notada de forma marcante nos diálogos que estabelece com os “civis” da ONU, os quais tentam romper a visão de mundo do adolescente guerrilheiro (BEAH, 2007, p. 148):

– Qual é o seu nome?

Eu fiquei surpreso, já que estava certo de que sabia meu nome.

– Você sabe meu nome – respondi, enervado.

– Talvez eu saiba, mas quero que você me diga seu nome – ela insistiu, abrindo os olhos.

– O.k., o.k., Ishmael – eu respondi.

Embora em alguns momentos a narrativa pareça atingir certo tom mais politizado em relação ao trabalho da ONU, não se deve esquecer de que isso corresponde à experiência das memórias do narrador (BEAH, 2007, p. 182):

Certa manhã o sr. Kamara apareceu na casa do meu tio trazido pela van da Children Associated with War (CAW). Ele já tinha me dito que eu havia sido escolhido, alguns dias antes, para ir às Nações Unidas, mas eu só havia contado a respeito disso a Mohamed, porque não acreditava que iria viajar para Nova York.

Como se pode observar, mais que retratar o horror de uma guerra civil, a história apresenta um protagonista cujo relato atinge a profundidade da ambiguidade existencial de adolescentes cindidos entre um mundo que defendem sem saber por que e uma prática cotidiana de matança (BEAH, 2007, p. 93):

Eu estava sentado no chão com a cabeça enterrada nas mãos. Estava transbordando de raiva. Eu bufava e fervia, e meu coração parecia prestes a explodir. Ao mesmo tempo, sentia como se alguma coisa tivesse sido

literalmente colocada dentro da minha cabeça, mais pesada do que podia imaginar, e meu pescoço começou a doer. Se não tivéssemos para do para descansar naquele morro, se não tivéssemos em encontrado Gasemu, eu teria visto a minha família, pensei.

Ainda que propenso a exaltar o trabalho da ONU, ao final da obra, não se pode esquecer de que isso está integrado organicamente ao relato do autor, fatos expostos segundo a perspectiva de alguém que aproxima o jovem leitor de um mundo possivelmente distante humana e geograficamente. Esse foco, porém, traz em si o elemento que pode afastar o leitor mais incipiente das páginas do livro, qual seja, sua própria característica que é a experiência de vida, o relato que joga o fictício em segundo plano ou mesmo apaga a ficcionalidade em função da veracidade e intensidade da narrativa factual.

Torna-se perceptível a intenção narrativa de mostrar a atrocidade da guerra, mesmo que isso se dê por uma voz narrativa convincente no âmbito ficcional. *O Sr. Pip*, porém, consegue lançar ao leitor o tema da guerra que, por meio do foco narrativo de Matilda, conduz a leitura a conflitos cuja representação somente é possível por meio da palavra, da representação. Tal como a personagem de Dickens vivificada nas palavras do Sr. Watts, os embates e problemas da personagem adolescente remetem à dimensão da ficção e, por isso, mostra-se mais capaz de envolver e marcar o jovem leitor com um mundo aparentemente tão distante de sua experiência cotidiana.

Estabelecida, pois, a discussão, importa observar a produção contemporânea na busca de linhas de pensamento que a literatura tem constituído como forma de ver o mundo por parte do jovem e, concomitantemente, como a forma que o mundo vê o jovem leitor de hoje. A utopia de um mundo melhor, ou mundos melhores, subjaz na esperança diante das difíceis vivências humanas – tema que merece atenção na literatura para jovens.

Referências

- BEAH, Ishmael. *Muito longe de casa*: memórias de um menino-soldado. Trad. Cecília Gianetti. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- BERNARDO, Gustavo. *Monte Veritá*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. Notas sobre utopia. In: *Ciência e Cultura* [online], v. 60, n. sp. 1, p. 7-12, 2008.
- JONES, Lloyd. *O Sr. Pip*. Trad. Lea Viveiros de Castro. São Paulo: Rocco, 2007.
- SARGENTE, Lyman Tower. Em defesa da utopia. Trad. Irene Enes. *Via Panorâmica – Revista Eletrônica de Estudos Anglo-Americanos/An Anglo-American Studies Journal*, 2ª ser. 1 (2008): 3-13. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt>>.

Recebido: 30.09.2010

Aprovado: 18.10.2010

Contato: <kantav2005@gmail.com>